

Construções contrastivas com “enquanto que” e “sendo que”

Contrastive constructions with enquanto que (while that) and sendo que (being that)

Nilza Barrozo DIAS

Universidade Federal Fluminense (UFF)
nilzabarrozodias@gmail.com



Resumo: Os objetivos deste trabalho são verificar quais relações semânticas identificadas por Neves (2000) para a conjunção *mas* podem ser encontradas nas construções em estudo, no século XXI; e quais relações semânticas das construções com *enquanto que* e *sendo que*, identificadas no século XXI, são recorrentes nos séculos XVI-XX. Utilizo os pressupostos da Linguística Baseada no Uso, propostos por Bybee (2016) e Diessel (2017), que usam bases teóricas do Funcionalismo e da Linguística Cognitiva. Apresenta-se um esquema muito amplo [X- QUE conector], sendo o X representado na fonte, pela conjunção adverbial *enquanto* e pelo elemento verbal *sendo*, que apontam, respectivamente, tempo simultâneo e em curso, formando junto com o *que* um *chunk* de valor contrastivo. Considera-se como hipótese que a motivação de o falante migrar elementos linguísticos de base temporal para a categoria de conectores contrastivos se assenta no tempo simultâneo e em curso, que proveem material para o contraste. A primeira construção instancia preferencialmente um contraste simples que se assenta na comparação de eventos, de indivíduos, de resultados estatísticos, de itens lexicais, enquanto a segunda construção é mais usada para fazer a relação semântica de parcialidade em relação ao primeiro segmento e de gradação em relação ao primeiro segmento ou à porção maior de informação. Os novos conectores fazem uma extensão da rede contrastiva.

Palavras-chave: contraste; *enquanto que*; *sendo que*.

Abstract: The objectives of this work are to verify which semantic relations identified by Neves (2000) for the conjunction *mas* (but) can be found in the constructions under study, in the 21st century; and which semantic relations of constructions with *while* (that) and *being that*, identified in the 21st

century, are recurrent in the 16th-20th centuries. I use the assumptions of Use-Based Linguistics, proposed by Bybee (2016) and Diessel (2017), which use theoretical bases of Functionalism and Cognitive Linguistics. A very broad scheme is presented [X-QUE connector], with the X represented in the source, by the adverbial conjunction *while* and by the verbal element *being*, which point, respectively, to simultaneous and ongoing time, forming together with *that* a *chunk* of contrastive value. It is hypothesized that the speaker's motivation to migrate time-based linguistic elements to the category of contrastive connectors is based on simultaneous and ongoing time, which provide material for the contrast. The first construction preferentially instantiates a simple contrast that is based on the comparison of events, individuals, statistical results, lexical items, while the second construction is more used to make the semantic relation of partiality in relation to the first segment and of gradation in relation to the first segment or larger piece of information. The new connectors extend the contrastive network.

Keywords: contrast; *while* (that); *being that*.

1 INTRODUÇÃO

Os objetivos deste trabalho são verificar quais das relações da conjunção *mas*, investigadas por Neves (2000), podem ser identificadas nas construções com *enquanto que* e *sendo que* no século XXI; e quais relações semânticas das construções com *enquanto que* e *sendo que*, identificadas no século XXI, são recorrentes nos corpora investigados dos séculos XVI-XX.

Utilizo os pressupostos da Linguística Centrada no Uso, proposta teórica do Funcionalismo e da Linguística Cognitiva, desenvolvidos por Bybee (2016) e Diessel (2019), que consideram que “o falante acessa representações estocadas; aquelas que são mais fortes são acessadas mais facilmente e podem ser usadas como base para a categorização de itens novos. Logo o exemplar mais frequente tende a ser o membro central da categoria” (DIAS, no prelo). Pela frequência de uso, é possível dizer que os novos conectores *enquanto que* e *sendo que* formam um *chunk*, reanalisados como conectores contrastivos; e, por analogia com os usos disponíveis, principalmente em relação à conjunção prototípica *mas*, são colocados no mesmo grupo das contrastivas e, desse modo, servem para expandir a categoria.

Considera-se como hipótese que a motivação de o falante migrar elementos linguísticos de base temporal para a categoria de conectores contrastivos, em contextos bem próprios, se assenta nas propriedades do tempo simultâneo e do tempo em curso que proveem material de eventos emparelhados para o contraste, o qual, do ponto de vista cognitivo, é antecedido pela comparação. Para tanto, retomamos dados de séculos anteriores e confirmamos que o tempo simultâneo (e recentemente também o tempo paralelo) e o tempo em curso facilitam a demanda de contraste, por instanciarem eventos que se colocam emparelhados na situação de uso.

Propomos um esquema muito amplo [X- QUE_{conector}], sendo o X, representado em sua origem, pelo elemento verbal *sendo*, que denota tempo em curso, e pela conjunção adverbial *enquanto*, que aponta para tempo simultâneo.

O texto apresenta as seguintes seções: inicialmente, apresenta-se a introdução, seguida de considerações sobre o contraste; depois, são apontados os trabalhos sobre as novas construções contrastivas e a categorização do contraste em língua portuguesa; seguem-se a metodologia e a análise de dados para, finalmente, tecerem-se as considerações finais e as referências.

2 O CONTRASTE

O grupo semântico do contraste adversativo¹ faz referência à quebra de expectativa que pode incorporar relação entre os interlocutores, entre conhecimentos compartilhados etc. (NEVES, 1984; 2000). A oposição dicotômica é uma tendência universal, um princípio, que exerce pressão sobre a estrutura das línguas (LYONS, 1996); a oposição pode manifestar-se como relações de causa de produção e efeito (LONGHIN; FERRARI, 2020); como justificativa na quebra de expectativas (DIAS, 2022), como gradação de informação/argumentação, com foco na quebra de expectativas; como pares opostos de lexemas; como substituição de informação; ou ainda o contraste pode se realizar por diferenças de ideias. A relação de contraste está presente em grande parte do discurso argumentativo e vem sendo cada vez mais estudada em pesquisas no âmbito do Funcionalismo e/ou da Linguística Centrada no Uso (CORRÊA, 2019; PACHECO, 2020; DIAS; RAMOS; PACHECO, 2020a; HORTA, 2021).

O contraste é observável, formalmente, em duas orações ou sentenças, em que o segundo segmento se opõe ao primeiro ou representa uma quebra de expectativas, que pode opor, negar ou desconsiderar a informação do segmento anterior (NEVES, 2000; DIAS, 2021). Para Ford (2000), a relação de contraste consiste em duas partes de textos que apresentam uma oposição. Na primeira parte, temos uma declaração que será contrariada na segunda. De acordo com a autora, a porção textual seguinte à informação contrastiva pode ser constituída de uma explicação ou de uma solução para a contrariedade apresentada.

Na investigação diacrônica do italiano, Ramat; Catarina (2012) afirmam que o conector adversativo sinaliza a presença de um conflito entre os estados conectados de assuntos ou entre um deles e algumas expectativas anteriores. Nesses casos, o uso dos conectivos adversativos conduz o ouvinte a procurar alguns elementos contraditórios para identificar o motivo do conflito. Para Longhin (2003), encontramos na relação contrastiva aspectos ligados ao contexto pragmático, o que pode incluir tanto avaliações e crenças como pressuposições do falante.

Em contextos específicos, observa-se que

*As inferências de contraste derivam de eventos que ocorrem de modo simultâneo no mundo da interação (KORTMANN, 1997, p.185; HILPERT, 2013); “dos eventos/das ações que podem ser percebidos de modo sequencial; da percepção de que certas situações se repetem com *habitualidade* como resultado das mesmas ações” (LONGHIN; FERRARI, 2020); e ainda de eventos que podem ser*

¹ O valor contrastivo pode também ser observado em orações justapostas e em orações adverbiais (concessivas e substitutivas).

observados quanto à sua futuridade (DIAS; RAMOS; PACHECO, 2020) (DIAS, no prelo, p. 2).

Alguns aspectos devem ser considerados quanto às construções em estudo: (a) os eventos são emparelhados como uma cena, uma unidade total (WIERZBICKA, 1980); (b) a unificação dos dois eventos aponta para o compartilhamento de tempo, aspecto e modo, participantes salientes (A, S, P), na mesma locação temporal e no mesmo espaço mental de mundos possíveis, segundo Croft (2009); e (c) a justaposição mental de elementos do mesmo status comporta um único *frame* de atenção (*single*), embora haja as concepções separadas e paralelas, sendo que a sentença iniciada pelo *mas* destaca a informação como mais relevante e importante do que aquela expressa na outra coordenada (GIVÓN, 2001).

Neves (1984) assume, com base em Ducrot; Vogt (1979), que a estrutura adversativa se liga à estrutura comparativa, já que historicamente formam um quadro de derivação, sendo a adversativa derivada da comparativa, e ambas apresentam em comum a desigualdade para que as unidades de informação sejam distribuídas na estruturação da argumentação. A conjunção *mas* aponta “a relação entre os dois segmentos de algum modo desiguais entre si: cada um deles não só é externo ao outro, mas, ainda, é, marcadamente, diferente do outro” (NEVES, 1984, p. 21-22).

Lang (2000) propõe uma reanálise da proposta de Sweetser (1991) sobre os três níveis: conteúdo, epistêmico e ato de fala, na análise da adversativa e considera que o protótipo de conector contrastivo reúne informações de vários níveis de análise. A escolha de uma interpretação “correta” depende de uma escolha *pragmática motivada* entre as unidades representantes de conteúdo, de entidades lógicas ou de atos de fala. Ou melhor, “a escolha envolve passos inferenciais que dependem do contexto prévio, do estatuto das orações, da semântica lexical e da relação sintática do conector” (LOGHIN; FERRARI, 2020). Contudo, o autor enfatiza que os níveis propostos por Sweetser (1991) devem ser complementados pela “progressão textual” ou “perspectiva de discurso”, que se coloca através dos níveis. No nível da forma, são encontradas estruturas bem específicas, que mostram que os conectores podem exibir mais níveis específicos ainda, bem como restrições distribucionais.

Para Neves (1984) e Castilho (2010), o segundo segmento do contraste adversativo contraria as expectativas geradas no primeiro, e a conjunção prototípica funciona como um bloqueador de oposição. Assim, a autora aponta na zona nebulosa das implicações semânticas, entre os segmentos coordenados por *mas*, as relações semânticas que passam de “uma desigualdade pouco caracterizada, em escalas variáveis, para o contraste, a contrariedade, a oposição e se chega à negação, à anulação, à

rejeição” (NEVES, 1984, p. 21-42, grifo da autora), que podem ser seguidas por substituição ou recolocação (NEVES, 2000, p. 755-779). Assim, a autora apresenta dois grandes grupos de relações semânticas da investigação da conjunção *mas*, que foram aplicadas às novas construções com *enquanto que* e *sendo que*, século XXI:

(I) Contraposição:

(A) em direção oposta:

- (i) marcando contraste (entre significados opostos):
 - (a) *Jesus, naquela ocasião, não satisfez a curiosidade dos discípulos, mas foi à prática: curou o cego;*
- (ii) por compensação (resulta da direção diferente do argumento, do mais forte para o mais fraco, ou o contrário):
 - (b) *Curto, mas lido com voz clara e sem hesitações, o discurso no Congresso arrancou aplausos em várias ocasiões;*
- (iii) por negação de inferência (“o segmento B contraria o que poderia ser inferido”):
 - (c) *O Bar do Porco era velho e fedia: era muquinho de um português lá onde, por uns mangos fuleiros, a gente matava a fome, engolindo uma gororoba ruim, preta. Mas eu ia;*
- (iv) por restrição parcial (introdução de uma restrição por acréscimo de informação):
 - (d) *Casou-se, mas não foi com a Luízinha;*

(B) na mesma direção (uma informação é seguida de outra mais forte introduzida pelo *mas*):

- (e) *O sertão, para ele, não é uma coisa, mas principalmente uma ideia e um sentimento;*

(C) em direção independente (a introdução de um argumento ainda não considerado na oração com *mas*):

- (f) *O assunto é polêmico, mas o importante é deixar claro que toda relação estatística precisa ser discutida à luz de outros conhecimentos;*

(II) Eliminação (a informação na oração com *mas* desconsidera/nega a informação precedente):

- (g) *Pensei em falar; em dizer mil coisas que me ocorrem, mas não consegui sequer abrir a boca.*

3 NOVAS CONSTRUÇÕES DE CONTRASTE

Construções representam um pareamento entre forma e função (GOLDEBERG; VAN DER AUWERA, 2012; BYBEE, 2016). As novas construções contrastivas com (i) *acontece que*, (ii) *enquanto que*, (iii) *sendo que*, (iv) *logo*

eu/você/ela/nós e (v) ocorre que são categorizadas levando-se em consideração “os exemplares e os efeitos prototípicos que derivam de pertencimento graduado a uma categoria” (BYBEE, 2016, p. 131). Assim a construção com *mas*, estocada na memória do falante como a mais frequente e a mais facilmente acessada, pode ser usada como base para a categorização das novas construções em (i)-(iii), e estas, então, entram em posição periférica. Contudo, tais construções periféricas podem ser atratores para as novas construções, como em (iv)-(v) (DIAS, 2022b), mostrando evidências de uma expansão da categoria de contraste com a inclusão de novos membros não prototípicos, quer por reanálise sintagmática, quer por analogia paradigmática.

A investigação tem mostrado que temos um mecanismo muito produtivo, a partir do esquema [X + QUE_{conector}], em que o *slot* pode ser preenchido por um verbo, uma conjunção ou um advérbio, de base temporal, na criação de construção contrastiva. Dias (2021) propõe uma rede construcional, formando subesquemas, instanciados pelos conectores não prototípicos, conforme representado a seguir:

Quadro 1 – Construções contrastivas não prototípicas

(a) [VERBO valor temporal + que]: acontece que/ sendo que/ocorre que;
(b) [ADVÉRBIO temporal/modalizador + (que) + (pronome pessoal)]: agora, já, logo eu/tu/você/nós, infelizmente;
(c) [CONJUNÇÃO temporal + que]: enquanto que; e
(d) [SUBSTANTIVO deslocamento/temporal + que]: ao passo que; em vez de.

Fonte: DIAS (2021).

Tais construções oferecem escolhas para os falantes em situações de uso da língua. Embora as construções elencadas em (a)-(c) sejam usadas para marcar contraste adversativo e a última construção em (d) represente um contraste adverbial, todas possuem características específicas que as diferem entre si e que as tornam mais distantes ou mais próximas do uso do prototípico *mas*. As construções em (a)-(c) apresentam uma *invariância*, conforme Neves (1984), que as coloca na mesma categoria, mas apresentam particularidades próprias do novo conector que as tornam diferentes entre si.

Ao analisar a perífrase conjuncional *só que*, Longhin (2003) a considera muito representativa do contraste coordenado. A autora observou que existe na língua portuguesa

Um mecanismo de produção de conjunções muito mais amplo, que vem se definindo há séculos e que, a qualquer momento, pode produzir conjunções novas, a partir da reinterpretação de material linguístico disponível no repertório da língua. Trata-se, mais especificamente, de um processo de criação linguística bastante antigo, e ainda muito produtivo, que consiste em combinar a partícula *que* com palavras de diferentes categorias, para a formação de perífrases conjuncionais (LONGHIN, 2003, p. 139).

Podemos considerar que as construções: *acontece que* (CORREA, 2019; PACHECO, 2020) e *ocorre que* (PACHECO, 2022) apresentam o *que* formando um *chunk* com o verbo de acontecimento. Já na construção [LOGO X], o falante recorre a outros recursos, como o *frame* de justificativa, na elaboração do contraste de oposição (inferencial) e a utilização dos pronomes pessoais: *eu, tu, você, ele* e *nós*, destacando o modo como o locutor se dirige ao interlocutor (RAMOS, 2021). Foram identificadas as relações semânticas de *acontece que* por Correa (2019), de *logo eu/você/ele/nós* por Ramos (2021) e de *ocorre que* por Pacheco (2022). Abaixo apresento as relações semânticas.

3.1 Relações semânticas de *acontece que* por Correa (2019)

(i) Por restrição parcial (restrição de elemento já mencionado, acrescentando a ela uma nova informação em relação aos argumentos apresentados anteriormente):

- (a) Não vou dizer que cometi irregularidades porque não cometi. Acontece que como trabalho com um número muito grande de processos, não posso garantir que todos estejam em perfeitas condições (Cleide Lousada. 18 de maio de 1997).

(ii) Por negação de inferência (introdução de informação que nega o argumento anterior através da inferência):

- (b) As imagens sucedem-se e as crianças seguem com elas. À velocidade dos takes acrescentem-se técnicas de filmagem. Acontece que a velocidade dos takes apresentados e o uso indiscriminado de técnicas podem ser incompatíveis com a transmissão de informações (<http://www.capparelli.com.br/tv.php>).

(iii) Na mesma direção (argumento superior – com advérbios – ao que foi dito antes, mas que não o exclui):

- (c) Já faz tempo que cresce a tendência em linkar valores como sustentabilidade e preservação do meio ambiente à imagem corporativa. Sem falar em responsabilidade social, a mais antiga das preocupações ao que me parece. Acontece que, atualmente, está ainda mais na moda falar nestes valores (<http://www.comunicacaoetendencias.com.br/responsabilidade-social-de-fachada>).

(iv) Argumento não esperado (introdução de informação nova não esperada, ou seja, que seria inimaginável, a partir da leitura dos argumentos anteriores):

- (d) Tinha sete anos de cinema e 25 de idade. Eu me considerava muito imaturo ainda. Não esperava nada do cinema, muito menos ir a Cannes. Acontece que o crítico francês George Sadoul estava no Brasil naquela ocasião (<http://corpusdoportugues.org>. Roberto Faria. 19 de abril de 1997).

(v) Eliminação (introdução de nova informação que desconsidera todo o argumento anterior):

- (e) Ela seria acompanhada por uma avaliação de uma necessidade dos serviços do servidor] e aí a administração faria uma avaliação para saber se demitiria ou não, em função da necessidade pública. Acontece que o que as lideranças negociaram para que a lei fosse aprovada levou a uma definição muito mais radical do que aquela que o substitutivo propôs (<http://corpusdoportugues.org>. Moreira Franco. 13 de julho de 1997).

3.2 Relação semântica de [LOGO X] por Ramos (2021)

(i) Contraste por oposição inferencial (a modalização do primeiro segmento expresso com verbos modalizadores e volitivos e/ou pergunta retórica, seguida da construção de contraste LOGO X e o segundo segmento expressando justificativa, envolvendo *frames*, pressuposições e inferências).

Figura 1 – Logo eu em Meme



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/1035194664321373453/>. Acesso em 20 nov. 2022

3.3 Relações semânticas de *ocorre que* por Pacheco (2022)

(i) Contraste simples (contraposição em relação à informação da oração anterior a partir de oposição lexical e/ou polaridade):

- (g) Então, eu fiquei tão feliz de encontrar essas pessoas e de ver que não há raiva, porque me ensinou o jornalista Paulo Francis, eterno, que crítica não é raiva, crítica não é ódio, é apenas uma opinião sua. Ocorre que, neste País, a crítica é tão incomum que às vezes as pessoas interpretam como ódio. E não é ódio (<https://www12.senado.leg.br/hpsenado>. Senador Jorge Kajuru, Cidadania. 01 de fevereiro de 2019).

(ii) Contraste por restrição parcial (restrição com acréscimo de informação (exemplo h), por detalhamento, por inferência e por

desconsideração de informação, em relação ao que acaba de ser enunciado):

- (h) O Governo brasileiro, de 2008 a 2014, transferiu aos cofres do BNDES cerca de R\$716 bilhões, R\$378 bilhões com origem no Tesouro nacional. Ocorre que o Governo brasileiro não tinha essa disponibilidade no seu caixa (<https://www12.senado.leg.br/hpsenado> Senador Álvaro Dias, Podemos. 08 de abril de 2019).

(iii) Contraste inferencial por justificativa: introdução de justificativas na oração introduzida por *ocorre que*, envolvendo pressuposições e inferências que culminam na exposição de um motivo.

- (i) Desculpem-me, senhoras e senhores, pelo atraso. Ocorre que está acontecendo agora uma lamentável audiência sobre a tragédia da Chapecoense lá na Comissão de Relações Exteriores, e estão lá representantes de todos os segmentos, inclusive da seguradora que prometeu pagar as indenizações às famílias e não pagou (<https://www12.senado.leg.br/hpsenado>. Senador Jorge Kajuru, Cidadania. 15 de agosto de 2019).

(iv) Contraste por desigualdade/diferença (introdução de contraste sem oposição, mas com diferenças, envolvendo dependência maior do contexto):

- (j) Sr. Presidente, eu quero apenas fazer um registro de uma situação vivida pela população do sudeste do Pará e parte da região sul [...] com relação à questão da garimpagem ou da mineração de outros minérios [...]; quando se trata de outros minérios, via de regra se fala a respeito da mineração –, a mineração mais voltada para o manganês. Ocorre que o Ibama recentemente fez uma enorme operação naquela região – naturalmente, na clandestinidade, a mineração se torna crime ambiental – e, em função disso, aconteceram muitas coisas (<https://www12.senado.leg.br/hpsenado> Senador Zequinha Marinho, PSC. 31 de outubro de 2019).

3.4 A categorização do contraste

A língua se concretiza por elementos linguísticos, dos sons à sentença, realizados por uma ordem sequencial em construções. Os três tipos básicos de *links* são: os simbólicos, conectando forma e significado; os sequenciais, ligando os elementos em sequência e os taxonômicos, funcionando em níveis diferentes de abstração (DIESSEL, 2019; BYBEE, 2016). A Linguística Baseada no Uso considera a motivação de fatores semânticos e pragmáticos, o modo como emergem os esquemas das sequências linguísticas (ou esquematização para Langacker, 2008) e como esquemas existentes são usados na categorização de novas ocorrências.

Para a realização de todo esse processo, os pesquisadores enfatizam a necessária ocorrência da automatização, o que implica a frequência de ocorrência determinando a gradualidade das relações sequenciais que variam em um contínuo. Assim, quanto mais elementos

linguísticos em cadeia são usados pelos falantes, mais frequentemente são processados e mais fortemente se tornam os *links* entre eles (BYBEE, 2002; 2016, p. 33-37). Teremos a emergência gradual de uma unidade (LANGACKER, 1987) ou de um *chunk* (BYBEE, 2016).

A grande importância da frequência e da repetição tem sido apontada no armazenamento e na organização de informações linguísticas na memória (DIESEL; HILPERT, 2016; BYBEE, 2016). A frequência é determinante na estocagem do conhecimento linguístico e, junto com a repetição, forma os conceitos a partir de *tokens* semelhantes, que são o ponto de partida, de base cognitiva, na classificação de novos *tokens*. Tais conceitos, segundo Diessel (2019), estão baseados em traços da memória individual.

Assim, a categorização nem sempre se baseia em generalizações, mas particularmente no conhecimento de experiências particulares ou nos grupos locais de *tokens* semelhantes (DIESEL, 2019). Além da categorização, podemos apontar *chunking*² e analogia como processos cognitivos importantes na implementação de novas construções contrastivas. A analogia, em geral, é um processo específico do item, que é crucialmente determinado pela força cognitiva de um esquema de construção e pela semelhança identificada entre expressões já estabelecidas e as novas construções, no nível paradigmático. Certamente, as representações mais frequentes são sistematicamente representadas na memória; assim, é mais provável que essas sejam fontes para mudança de novas construções e não aquelas de usos mais raros.

As construções em foco são usadas como contrastivas por analogia à conjunção prototípica *mas*, que é muito produtiva na língua. Assim, tais usos se adequam às relações semânticas já existentes, e podem inovar por incorporarem novas relações ou redesenharem relações semânticas existentes. Mas todos os conectores ocorrem em contextos que propiciam o contraste e facilitam as inferências. Para a função de contraste para a qual estão se especializando, precisam formar um *chunk* com o que.

4 METODOLOGIA

Utilizo os aportes teóricos da Linguística Baseada no Uso, que envolvem princípios do Funcionalismo e da Linguística Cognitiva. Como toda a análise se baseia no uso, considera-se aqui a representação por

² Bybee (2016) refere-se a unidades como *chunks* e ao processo de formação de unidades como *chunking*: “Chunking é o processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas se unem para formar unidades mais complexas”. Unidades, ou pedaços, são rotinas cognitivas que dizem respeito a ações motoras, como dançar, e atividades cognitivas, como contar ou recitar o alfabeto (LANGACKER, 2008, p. 16-17; DIESEL; HILPERT, 2016).

exemplares, conforme Boyland; Joyce; Tang (2009); Bybee (2016); Diessel (2017), em usos da modalidade escrita em variedades da língua portuguesa, do século XVI ao XX.

Comparamos o uso de uma construção com as nossas memórias de expressões semelhantes e, então, selecionamos um desses exemplares da memória para decidir como operar em relação àquela expressão nova.

Considero que os objetos de pesquisa sejam construções com “(...) pareamento de forma e sentido a partir do elo de correspondência simbólica” (CROFT, 2009). Também recorro aos conceitos de conexão de orações (HALLIDAY, 1985; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; CROFT, 2009; NEVES, 2000); à noção de contraste da conjunção *mas* (NEVES, 1984; CASTILHO, 2010); às relações semânticas do *mas*, a partir da proposta de Neves (1984; 2000) e aos resultados de pesquisas no âmbito do Funcionalismo e da Linguística Baseada no Uso (DIAS, 2022; DIAS; RAMOS; PACHECO, 2020; LONGHIN; FERRARI, 2020).

Nossa proposta é realizar uma análise qualitativa e quantitativa a partir de investigação diacrônica³, com um recorte temporal que vai do século XVII ao XX, para checarmos quais relações semânticas das construções em análise, identificadas no século XXI, podem ser encontradas em séculos anteriores.

Quadro 2 – Relações semânticas identificadas na investigação da construção com *enquanto que*, século XXI

Contraposição
(i) Em direção oposta:
(a) marcação de contraste
(b) negação de inferência
(ii) Na mesma direção
(iii) Em direção independente

Fonte: elaborada pela autora

Quadro 3 – Relações semânticas identificadas na investigação da construção com *sendo que*, século XXI

Contraposição
(a) Contraste simples
(b) por restrição parcial
(c) por generalização
(d) por repetição e por gradação
(e) por negação de inferência
(ii) Na mesma direção

³ A investigação diacrônica está em curso e não terá os resultados apontados neste trabalho.

(iii) Em direção independente

(iv) Desconsideração (eliminação)

Fonte: elaborada pela autora

Para a coleta de dados das construções, alguns procedimentos foram aplicados com o intuito de dar andamento à pesquisa. Logo, foram coletadas orações iniciadas pelos conectores *enquanto que* e *sendo que* no Corpus do Português, na seção histórico, disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen>. O Corpus do Português foi idealizado pelo Professor Mark Davies, da BYU e financiado pelo National Endowment for the Humanities.

Quanto à construção com *enquanto que*, foram identificadas e coletadas ocorrências somente nos séculos XIX e XX – respectivamente, 54 ocorrências de ficção e 45 ocorrências das seguintes revistas: Folha, BR:Scat e Br:Recf, totalizando 99 ocorrências. Foram procuradas ocorrências nos séculos XVII e XVIII do Corpus do Português e no Corporaphpb, disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>; todavia, a construção com *enquanto que* não foi encontrada.

No que diz respeito à construção com *sendo que*, foram pesquisadas ocorrências dos séculos XVII, XVIII e XX. No século XVII, foram coletadas 47 ocorrências do gênero “cartas” nas seguintes revistas: Brochado Cartas, Sande Cartas e Vieira Cartas. Já no século XVIII, 42 ocorrências das revistas Orta:Diofanes, Coutto:Brasil, Aires:Vaidade, Barros:Vieira, Brochado:Cartas2, Gusmão:Cartas, Vernei:Estudar, Lusitano:Carta, Macedo:EvaAve, Aboym:Escola, Bluteau:VPLA3. E no século XX, 45 ocorrências do gênero “notícia” foram coletadas a partir das revistas Folha, BR:Scat e Br: Recf, totalizando 134 ocorrências. As ocorrências do século XIX ainda estão em investigação, por não terem sido encontradas no corpus selecionado, dentro dos gêneros “cartas” e “notícias”. Ainda dentro dos mesmos gêneros, não foram encontradas ocorrências antes do século XVII.

5 ANÁLISE DE DADOS

Apresento a seguir os resultados dos usos de *enquanto que* e *sendo que* nas variedades da língua portuguesa. Cada construção contrastiva apresenta o segmento A, seguido do segmento B, introduzido pelo conector. As construções estão em itálico e entre colchetes.

- (1) Nos vinte primeiros dias de abril, a balança comercial registrou um déficit de US\$ 477 milhões, resultado de importações de US\$ 3,489 bilhões e exportações de US\$ 3,012 bilhões. O período teve 14 dias úteis de um total

de 21 no mês. [As *exportações* tiveram um média por dia útil em abril de US\$ 215,1 milhões, *enquanto que* as *importações* apresentaram média por dia útil em abril de US\$ 249,2 milhões]. Na terceira semana do mês, o déficit foi de US\$ 213 milhões (<http://corpusdoportugues.org>. Balança soma déficit de US\$ 477 mi. Abril de 1997).

No dado acima, retirado do *Corpus* do Português, é possível perceber o *contraste simples* entre os sintagmas “exportações” e “importações”. Se observarmos a relação entre os segmentos A e B, em itálico, o ponto de *contraposição* está no segundo segmento que possui um preço mais alto do que o primeiro, ou seja, o valor da importação, por dia, é mais alto do que o da exportação. Dessa forma, o *enquanto que* marca um contraste com comparação entre os léxicos que apresentam valores distintos. Além disso, o tempo em que ocorre a comparação é simultâneo, pois o evento do acontecimento é o mesmo para ambos. Essa comparação, cognitivamente, pode ser uma base para o contraste ocorrer.

- (2) São Paulo – Termina hoje o prazo para entrega das declarações do Imposto de Renda e para pagamento da cota única ou da primeira cota. [Os *bancos autorizados* vão estender o horário até às 22h em algumas agências para atender aos contribuintes, *enquanto que* os postos da *Receita Federal* receberão as declarações até às 24h.] Quem quiser usar a Internet tem até às 20h para acessar a home page da Receita (<http://corpusdoportugues.org>. Último dia da declaração do IR de 1997).

O dado (2) apresenta novamente um *contraste simples* com comparação em tempo simultâneo, bem comum na construção com *enquanto que*. Nesse caso, fica claro que a *contraposição* está nos sintagmas que apontam os horários de funcionamento das agências de bancos e dos postos da Receita Federal. A quebra de expectativa reside no segundo elemento, que possui uma escala maior do que o primeiro. É interessante notar que, nas ocorrências (1) e (2), as descrições são feitas entre um determinado valor, sendo recorrente esse aspecto de comparação nos enunciados com o conector em análise.

- (3) Ângela Simões [...] afirmou que o Centro de Apoio encaminhou ofício ao secretário de Segurança Pública, João Arraes, solicitando o número de atendimentos na 1ª Delegacia da Mulher, em Santo Amaro. [A *promotora explicou que a delegada Mariluce Coelho divulgou na Imprensa que atendia uma quantidade de mulheres, enquanto que* o número de casos encaminhados à Justiça é inferior]. "Queremos saber porque os números são tão distantes da realidade", frisou (<http://corpusdoportugues.org>. Cidadania fica escondida. Setembro de 1997).

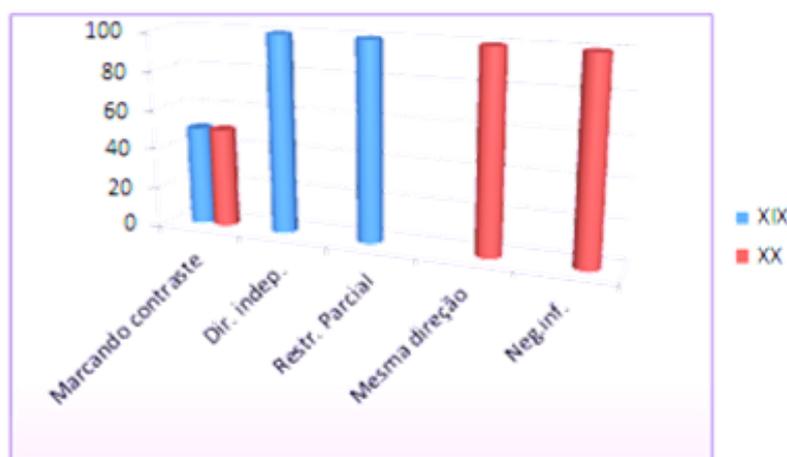
No trecho acima, o exemplo instancia noção de contraste por *restrição parcial*, o que não existe com certa frequência na construção com *enquanto que*. Esse tipo de valor semântico ocorre quando o conector

acrescenta *restrição parcial* em relação a uma informação mais geral apontada na oração antecedente, dando assim destaque a uma nova informação. Desse modo, na comparação entre os eventos, o contraste ocorre entre a quantidade de casos que se apresentam na delegacia e a quantidade dos que realmente chegam à Justiça, sendo a ocorrência enquadrada como geral – específico. Além disso, os eventos A e B apresentam um tempo paralelo, ou seja, ocorrem em períodos temporais distintos, o que é uma possibilidade do conector contrastivo.

5.1 Resultados quantitativos da construção com *enquanto que*

O gráfico abaixo representa o que foi observado na análise de dados dos séculos XIX e XX da construção com *enquanto que*.

Gráfico 1 – Relações semânticas na construção com *enquanto que*.



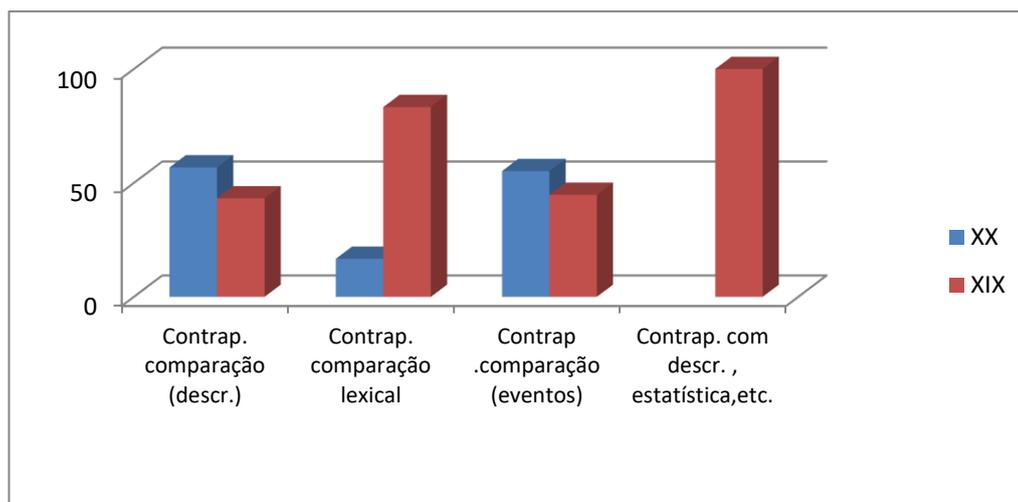
Fonte: elaborado pela autora

Os resultados evidenciam a tendência da construção com *enquanto que* de instanciar, nas relações semânticas contrastivas, a marcação de contraste, totalizando 50% das ocorrências; a *restrição parcial* e a *negação de inferência* representam somente 2,3% e 1,1% das análises respectivamente; já as contraposições em *direção independente* e *na mesma direção* ocorrem em 4,5% e 1,1% dos dados respectivamente. Ao verificarmos a ocorrência por séculos, observamos que a *direção independente* e a *restrição parcial* são recorrentes no século XIX, enquanto a *mesma direção* e a *negação por inferência* são peculiares do século XX.

Considero que a *marcação de contraste* tem resultados similares nos dois séculos e permanece no século XXI (DIAS, 2022) porque a construção está se especializando na comparação entre os segmentos para

posteriormente fazer o contraste ⁴. As relações semânticas *direção independente* e *na mesma direção* voltaram a crescer no século XXI e merecem uma análise bastante cuidadosa (DIAS, 2022). O gráfico a seguir apresenta a realização do contraste principalmente com a comparação. Vejamos.

Gráfico 2 – Usos de comparação na construção com *enquanto que*



Fonte: elaborada pela autora

Os resultados evidenciam a tendência da construção com *enquanto que* em marcar contraste, mas utilizando-se da comparação. Temos o contraste que compara descrições de coisas (concretas e abstratas), de indivíduos e de eventos, com resultados próximos nos séculos XIX e XX; já a contraposição que se faz por comparação lexical apresenta 83.3% de ocorrências no século XIX, mas somente 16.7% no século XX. A contraposição sem comparação só foi recorrente no século XIX, o que mostra a tendência do uso da construção em segmentos que podem ser comparados antes de serem contrastados.

Vamos observar as ocorrências da construção com *sendo que*.

- (4) Belchieur disse que foi procurado por técnicos do Boavista para estudar uma solução. [...] “Os bancos particulares estão dispostos a encontrar uma solução porque sabem que a falência seria uma briga jurídica longa”, disse. [...]. Eles poderiam dispor, por exemplo, de títulos da dívida pública para quitar o débito com o fisco, de R\$ 115 milhões. *[A dívida com os bancos chega a R\$ 700 milhões, sendo que o Banco do Brasil é o maior credor, com R\$ 211 milhões]*. São 710 empreendimentos inacabados [...] (<https://www.corpusdoportugues.org/>. Revista BR:Recf; Mutuários analisam transferências. Fevereiro de 1997).

⁴ Os casos de hibridismo foram computados, mas não estão na análise atual.

No exemplo (4), percebe-se que o conector *sendo que* estabelece um contraste entre a dívida com os bancos (equivalente a 700 milhões de reais) e a dívida do Banco do Brasil (equivalente a 211 milhões de reais). Dessa forma, podemos perceber que há um contraste por *restrição parcial* com ressalva, uma vez que no primeiro membro coordenado é apresentada a dívida com os bancos na sua totalidade e o conector *sendo que* restringe parcialmente, isto é, específica a dívida do Banco do Brasil.

- (5) Seu personagem mais famoso, Pica-Pau, 188 desenhos entre 1940 e 1972, era também um dos mais anárquicos e perversos do gênero. [Seu bico, usado como britadeira, varava sequoias, destruía casas inteiras e furava carecas e narizes. Pode-se dizer que *Pica-Pau* era um cruzamento de Patolino com Harpo Marx, sendo que a peruca vermelha de Harpo também influenciou o seu visual]. Uma das características de Pica-Pau era o fato de ele não ter uma virtude que o redimisse ([https://www.corpusdoportugues.org/Folha de São Paulo: 1058:SEC:nd.1994b](https://www.corpusdoportugues.org/Folha_de_São_Paulo:1058:SEC:nd.1994b)).

O exemplo (5) apresenta o conector *sendo que* com um valor semântico de *contraste simples*, sempre com ressalva. O contraste se configura entre a descrição dos sintagmas nominais Pica-Pau (“ele era uma mistura de patolino com Harpo Marx”) e a *peruca vermelha* de Harpo que influenciou o seu visual. A oração iniciada pelo *sendo que* traz uma informação nova e faz um destaque, uma ressalva da segunda informação, que é mais relevante do ponto de vista do autor – a peruca vermelha de Harpo ter influenciado no estilo do Pica-Pau.

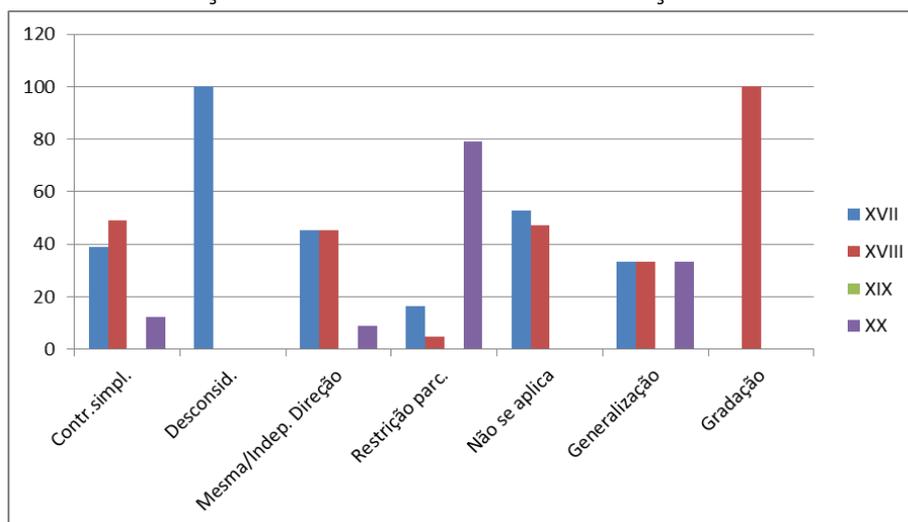
- (6) A dura realidade mostrada massivamente na imprensa indica que não se pode facilitar e favorecer o tráfico e o consumo. [O noticiário é rico em tragédias envolvendo famílias que foram desfeitas, seja porque pais foram assassinados, seja porque filhos foram mortos pelos próprios genitores, sendo que todas as situações tinham em comum o consumo de droga, agregado ao estado de violência por ela gerado dentro do próprio lar] (<http://www.conjur.com.br/2012/-jun-06/juizes-promotores>. Junho de 2012).

O exemplo (6) instancia um contraste por *generalização*, em que o primeiro segmento aponta as tragédias envolvendo famílias desfeitas, exemplificando os tipos de assassinatos, e o segundo segmento introduzido pelo conector *sendo que* representa uma generalização das situações previamente apontadas e acrescenta ainda o consumo de drogas e a violência gerada. O uso do conector *sendo que* serve para fazer ressalva das situações como trágicas nas famílias.

5.2 Resultados quantitativos com a construção com *sendo que*

Podemos considerar, dentro das relações propostas por Dias (2021), a partir de Neves (2000), que a construção com *sendo que* apresenta a noção de *contraposição* e a de *desconsideração/eliminação* da informação contida no segmento A. Na *contraposição*, a *marcação por compensação* não foi encontrada.

Gráfico 3 – Relações semânticas da construção com *sendo que*



Fonte: elaborada pela autora

A construção com *sendo que* pertence ao grupo das contrastivas, apresentando uma quantidade maior das relações semânticas da prototípica *mas*. O contraste simples evidencia resultados próximos nos séculos XVII e XVIII, mas bastante diferentes no século XX, quando aparecem em apenas 12.2% das ocorrências. Já a *generalização*, uma inovação no uso de *sendo que*, apresenta resultados similares, em torno de 33.3% das ocorrências. As relações semânticas *na mesma direção* e *em direção independente* apresentam resultados idênticos nos séculos XVII e XVIII e pouca realização no século XX, em torno de 9.1%. A relação semântica de *parcialidade* não é muito expressiva no século XVII e menos ainda no século XVIII; já no século XX, ela aparece em 79.1% dos resultados, o que prepara terreno para o século XXI, em que a *restrição parcial* instancia uma variedade de tipos de parcialidade do segundo segmento (DIAS, 2021). Já a relação semântica de *gradação* (do maior para o menor) foi categórica no século XVIII e tem se expandido no século XXI, quando se observa o sentido de *gradação* em que o *sendo que* aponta para parte da descrição e da narração mais evidentes, a informação mais saliente.

Foram encontradas 3,7% de ocorrências em que há sobreposição de causalidade, condicionalidade e concessividade, mas elas não fazem

parte desta análise, assim como as que não apresentam contraste e representam 2.5% das ocorrências.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As construções em análise apresentam relações semânticas de contraste com marcação simples, mas destacamos o papel das outras relações semânticas como um recurso da ressalva, evidenciando a relevância do segmento B, introduzido pelos conectores *enquanto que* e *sendo que*. A primeira construção é envolvida pela comparação de eventos, estatísticas etc., enquanto a construção com *sendo que* não apresenta comparação, mas vem se especializando na *restrição parcial* e na *gradação*, com o conector apontando para a informação mais relevante.

As construções com *enquanto que* e *sendo que* apresentam algumas das relações semânticas contrastivas identificadas na conjunção *mas*. A primeira construção instancia preferencialmente um *contraste simples* que se assenta na *comparação* de eventos, indivíduos, resultados estatísticos e itens lexicais. A comparação, do ponto de vista cognitivo, antecede o contraste (NEVES, 2000). A segunda construção é mais usada para fazer a relação semântica de *parcialidade* em relação ao primeiro segmento e de *gradação* em relação ao primeiro segmento ou à porção maior de informação. Nem sempre podemos usar o mecanismo de substituição dos conectores pela conjunção *mas*; no caso da segunda construção, pode-se substituí-la, às vezes, pelo contrastivo *só que*. Parece-nos que o uso do conector está muito atrelado à focalização e à ressalva. Mas as relações semânticas, objeto da análise, podem ser identificadas nos dados.

Em ambas, temos o contraste marcado pela origem de valor semântico temporal, oriundo de uma conjunção adverbial e de um verbo de gerúndio, reanalisados junto ao *que* como conectores contrastivos. A relação semântica de *contraste por compensação* não foi identificada em nenhum uso não prototípico, mas encontramos, na construção com *sendo que*, uma reanálise do contraste por compensação, que evidencia, pela ressalva, partes da descrição, narrativa e argumentação numa gradação de informação, que vai do geral para o específico. Encontramos, principalmente com *sendo que*, uma sequência de informações numéricas em que a parte destacada no contraste se apresenta como a menor parte, evidenciando, portanto, um comportamento de *restrição parcial*. A *eliminação* da informação anterior foi rara no uso de *sendo que* e não existe na construção com *enquanto que*.

É bom destacar que o falante usa, nas duas construções, algumas das relações semânticas da conjunção *mas* e acrescenta relações

inovadoras ou reanalisa o contraste por compensação e por restrição parcial. A hipótese geral da pesquisa se comprova, os objetivos inicialmente propostos também são desenvolvidos e os resultados mostram que as construções com *enquanto que* e *sendo que* fazem parte da rede contrastiva, com destaque, nas relações semânticas opositivas, para a comparação que antecede o contraste e para a ampliação da noção de geral-específico.

REFERÊNCIAS

BOYLAND, Joyce Tang. Usage-based Models of Language. In: D. Eddington (ed.). **Experimental and quantitative Linguistics**. Munich: I Lincom, 2009.

BYBEE, Joan. Sequentiality as the basis of constituent structure. In: Givón, T.; Malle, Bertram F. (eds.). **The evolution of language out of pre-language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002 (p. 109-134).

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, Ataliba T. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CORRÊA, Karina. **A construção não prototípica sendo que**. In: SEMINÁRIO DOS ALUNOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Comunicação pessoal. UFF. Niterói, Rio de Janeiro. 2021.

CORRÊA, Karina. **A mudança linguística da construção "acontece que"**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) –Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, 2019.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

DIAS, Nilza Barrozo. As relações semânticas contrastivas na combinação de orações coordenadas com conectores não prototípicos. Palestra no IV SEMINÁRIO DE ESTUDOS DO PORTUGUÊS EM USO (PORUS). Palestra. Mesa-redonda: **Português em uso: contraste linguístico**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2022.

DIAS, Nilza Barrozo. As relações semânticas contrastivas na combinação de orações coordenadas com conectores não prototípicos. Palestra. In: **XIX Congresso ALFAL**. 08 a 13/08/2021 / XIX. 2021.

DIAS, Nilza Barrozo; ARAÚJO, Jocineia; PACHECO, Priscilla. Construções contrastivas acontece que e logo eu. **Revista (Com)textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 297-316, 2020.

DIAS, Nilza Barrozo; CÔRREA, Karina. **O Valor Contrajuntivo de Acontece Que**. Confluência. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 59, p. 81-104, jul.-dez., 2020b.

DIESSEL, Holger; HILPERT, Martin. Frequency effects in grammar. In: **Oxford Research Encyclopedias**. Oxford: Oxford University Press, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303540830_Frequency_effects_in_grammar. Acesso em: 22 fev. 2023.

DIESSEL, Holger. Usage-based linguistics. In: Aronoff, M (editor) **Oxford Research Encyclopedias**. Oxford: Oxford University Press, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320558018_Usage-based_linguistics. Acesso em: 22 fev. 2023.

DIESSEL, Holger. The grammar Network: **How Linguistic Structure is Shaped by Language Use**. United Kingdom. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DUCROT, Oswald; VOGT, Carlos. **De magis a mais: une hypothèse sémantique**. Revue de Linguistique Romane, n. 171-172, p. 317-341, 1979.

FORD, Cecília. The treatment of contrasts in interaction. In: COUPER- GIVÓN, Tamly. **Syntax. An Introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2001.

GOLDEBERGH, Adele; VAN DER AUWERA, Johan. This is to count as a construction. **Folia Linguística**, n. 46, v. 1, p. 109-132, 2012.

HALLIDAY, Michael A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HORTA, Leandro. **Construções “em vez de” e “ao invés de”: níveis de substituição**. 2021. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, 2021.

KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (eds.). Cause, condition, concession, contrast. **Cognitive and discourse perspective**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

LANGACKER, Ronald. **Cognitive Grammar**. A Basic Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of Cognitive Grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LONGHIN, Sanderleia. **A gramaticalização da perífrase conjuncional só que**. 2003. Tese. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2003.

LONGHIN, Sanderleia; FERRARI, Luísa. Mudança no sistema de contraste no português: entre codificação e inferenciação. **Revista da Abralin**. v. 19, n. 1, 2020.

LYONS, John. **Semântica**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1996.

NEVES, Maria Helena. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena. **O coordenador interfrasal mas** – invariância e variantes. São Paulo: Alfa, 1984.

PACHECO, Priscilla. **A construção acontece que no português brasileiro contemporâneo**: uma análise baseada no uso. 2020. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2020.

PACHECO, Priscilla. A construção ocorre que: uma análise baseada no uso. In: **IV SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS EM USO**. Comunicação pessoal. Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro. 2022.

RAMAT, Ana; MAURI, Caterina. **From cause to contrast: a study in semantic change**. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/975939/From_cause_to_contrast_A_study_in_semantic_change. Acesso em: maio 2022.

RAMOS, Jocineia. **Quis me dar exemplos prontos, logo eu que estudo a língua uso: a construção LOGO X**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2021.

SWEETSER, Eve. **From Etymology to Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

WIERZBICKA, Anna. **Lingua mentalis**. The Semantics of Natural language. New York: Academic Press, 1980.

DIAS, NILZA BARROSO. CONSTRUÇÕES
CONTRASTIVAS COM “ENQUANTO QUE” E
“SENDO QUE”. ENTREPALAVRAS,
FORTALEZA, V. 13, N. 1, P. 223-244,
JAN-ABR./2023. DOI: 10.22168/2237-6321-
12599